



WEBDOCUMENTÁRIO E UM ESTUDO DE CASO DE PRODUÇÕES BRASILEIRAS: O EXEMPLO DA CROSS CONTENTE¹

WEBDOCUMENTARY AND A CASE STUDY OF BRAZILIAN PRODUCTIONS: CROSS CONTENT EXAMPLE

TAIS APARECIDA DE SOUZA²; ELIANE FÁTIMA CORTI BASSO³

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI

Resumo: Este artigo objetiva dissertar sobre o webdocumentário, gênero recente da cultura digital. Para análise, foram estudados dois produtos: *Filhos do Tremor* e *Rio de Janeiro - Autorretrato*, dirigidos por Marcelo Bauer, da produtora *Cross Content*. A pesquisa foi desenvolvida por meio da análise das categorias de hipertextualidade, multimídia, interatividade e memória, apontadas por Beatriz Ribas (2003) para o formato, além de entrevistas com os produtores.

Palavras-chaves: Webdocumentário; narrativas multimídias; convergência de mídia.

Abstract: This article objectives discourse about webdocumentary, recent digital's culture gender. For the analysis, were studied two products: *Filhos do tremor* and *Rio de Janeiro - Autorretrato*, directed by Marcelo Bauer, from Cross Content Production. The research was developed using hypertextuality categories, multimediality, interactivity and memory's analysis, appointed by Beatriz Ribas (2003) for the format, beyond interviews with the producers.

Keywords: webdocumentary, multimedia narratives, media convergence.

¹ O artigo é resultado do estudo desenvolvido no Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica.

² Estudante de Graduação do 7º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi de São Paulo. Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/Anhembi Morumbi. E-mail: tais3109@gmail.com

³ Doutora em Comunicação Social pela UMESP - Universidade Metodista de São Paulo. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi. Orientadora do Projeto de Iniciação Científica. E-mail: elianebasso@terra.com.br



Introdução

Os meios de comunicação estão passando por mudanças culturais e tecnológicas, cujas características principais estão nos processos de convergência e na produção multimídia. Dentro das condições oferecidas no ambiente da cultura digital, a produção de documentários, matriz de investigação desta pesquisa, passa por um processo evolutivo com vistas a alcançar um status de linguagem diferenciada do documentário feito para o cinema e a televisão. Para o jornalista e produtor de conteúdo multimídia Marcelo Bauer (2012), estamos diante de um cenário de “mutação”, que apresenta novas “possibilidades artísticas e mercadológicas”.

A cultura digital é apresentada por Lúcia Santaella, no livro *Culturas e artes do pós-humano – Da cultura das mídias à cibercultura*, como integrante das eras de formações culturais assim definidas: “a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura das massas, a cultura das mídias e a cultura digital”. Para a autora cada cultura passa por um processo de mudança. Com o tempo alguns elementos da comunicação podem desaparecer e outros surgirem, mas há um processo cumulativo que complementa uma cultura à outra: “uma nova formação comunicativa e cultural vai se integrando na anterior, provocando nela reajustamentos e refuncionalizações”. (SANTAELLA, 2010, 13).

A leitura sobre o tema é de que os produtos presentes no ambiente da Web também se apropriam de “linguagens pré-existentes” das mídias tradicionais, como o vídeo, o texto, a fotografia e o áudio, e potencializam características próprias conforme especificidades do novo meio. Uma das principais marcas da cultura digital é justamente o processo de convergência das mídias. (SANTAELLA, 2010). Para Henry Jenkins é no ambiente da cultura da convergência que velhas e novas mídias colidem e se cruzam, estruturando novas formas de produção e circulação de conteúdos. Neste novo ambiente, propiciado pelas novas tecnologias, público e produtor interagem e interatuam, “por meio de diferentes sistemas midiáticos”. (JENKINS, 2009).

Localizando historicamente as bases do objeto desta pesquisa, Marcelo Bauer explica que a ancestralidade do cinema, bem como a estrutura de narrativa multimídia, visualizada a



INTERCOM

Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação

Iniciacom – Revista Brasileira
de Iniciação Científica em
Comunicação Social

partir dos anos 90, através dos CDs multimídias, ajudam a compreender a origem webdocumentário. Os CDs multimídias eram criados com interfaces que reproduziam conteúdos variados. Com tema específico, as histórias eram ilustradas por fotos e áudios em formas de slides show. Com o avanço da Internet em banda larga e a popularização do vídeo começaram os experimentos de webdocumentário com produção específica ou adaptada para a rede. (BAUER, 2011).

Através da rede têm-se muitas possibilidades multimidiáticas para elaboração de um produto. Este artigo objetiva expor as características básicas de um webdocumentário, além de elencar o processo de produção e apresentar os elementos narrativos de dois produtos: *Filhos do Tremor - Crianças e seus Direitos em um Haiti Devastado* (2010) e *Rio de Janeiro – Autorretrato* (2011), ambos dirigidos por Marcelo Bauer⁴, da produtora paulista *Cross Content*. Trata-se de uma pesquisa exploratória, baseada em estudo de caso, desenvolvida a partir do referencial bibliográfico, de entrevistas e da análise dos produtos referenciados. O artigo faz parte do Projeto de Iniciação Científica, desenvolvido na Universidade Anhembi Morumbi, através da linha de pesquisa *Linguagens Comunicacionais nas Mídias Digitais*, integrante do Grupo de Pesquisa *Estudos em Jornalismo Contemporâneo*.

3

1. Webdocumentário – conceito e características

O webdocumentário é definido, num primeiro momento, como uma narrativa que faz a conexão de vídeos, textos, áudios e ilustrações, em um só produto, visto pela Internet. Mas o caráter inovador dessa produção se dá pela apropriação dos elementos oferecidos pela rede, entre eles, a hipertextualidade, a multimidialidade, a interatividade e a memória; características integrantes do webjornalismo, que são apontadas pela pesquisadora Beatriz Ribas (2003), para este formato. Essas categorias também foram adotadas como orientação para descrição e análise dos dois produtos citados nesta pesquisa.

⁴ Para produção desta pesquisa foram realizadas duas entrevistas presenciais com Marcelo Bauer: em 11/06/2011 e em 07/08/2012, além de entrevistas complementares via e-mail em 2013. Bauer é formado em Jornalismo pela Cásper Líbero no ano de 1987 e pós-graduado em Cinema Documentário, pela Fundação Getúlio Vargas, em 2011. Trabalhou na grande imprensa em meios como revista IstoÉ, jornais Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de São Paulo. Em 1996 fez parte da primeira equipe de jornalismo on-line da Editora Abril, como o responsável pelo noticiário do portal Brasil.

Para Marcelo Bauer, um webdocumentário é feito a partir de um único tema, em que os demais elementos narrativos se transformam em um complemento ao tema proposto. Por isso, um único webdocumentário não pode ser considerado um portal multimídia com variedades de temas, e sim um recorde de uma realidade mostrado por assuntos bem definidos. (BAUER, 2011). Partindo deste princípio e dos demais elementos da rede, pode-se dizer que a definição de um webdocumentário parte de uma estrutura multimídia, que tem o vídeo como principal elemento, complementado por links de textos, áudios, gráficos, tabelas etc., que se interconectam em uma unidade narrativa, caracterizada também pela não linearidade.

A estrutura não linear, definida pelos recursos de hipertextualidade, potencializa a interação, permitindo que o internauta interaja com o material. Jorge Luiz Kimieck descreve que "a não-linearidade da construção da narrativa permite que o usuário (receptor) possua a liberdade de escolher quais caminhos seguir a partir dos elementos apresentados na história multimídia". (KIMIECK, 2005, p. 05). Neste sentido, orienta para uma produção de conteúdo complementar, em cada parte da história, e não por redundância: "A não-redundância permite que os elementos se complementem, ou seja, cada parte da narrativa deve ser contada, ou melhor, apresentada em uma mídia diferente". (KIMIECK, 2005, p. 05)

Acerca da construção fragmentada, através da narrativa não linear, a estrutura do produto, no entanto, não deve prejudicar o entendimento do internauta através das escolhas deste durante a navegação. Isso significa dizer que os produtores necessitam pensar numa estrutura aberta que comporte diferentes caminhos narrativos. Assim, a posterior opção de navegação pelo internauta responderá a diferentes escolhas feitas pelo mesmo. Essa forma de construção e a navegação interativa leva também a personalização no acesso ao conteúdo.

Participação e interação são dois aspectos destacados por Marcelo Bauer no processo de diferenciação de um webdocumentário para um documentário tradicional, que muitas vezes se utiliza da Internet apenas como meio de exibição e divulgação. Além de interagir, através das opções de navegação, o internauta pode participar e contribuir na construção de uma obra. Inserem-se nesse processo diferentes modos de participação, desde a mais simples possibilidade aberta para o envio de comentários, por meio das redes sociais, até a participação efetiva na construção do produto. Este último nível de participação é estruturado para

tornar o usuário um agente ativo, contribuindo através do envio de conteúdos. Para Bauer: “Os projetos participativos são aqueles que preveem a coprodução e cocriação do documentário pelo internauta/espectador aqui não já só espectador”. (2011, p.92).

Dentro da perspectiva de narrativas multimídias a pesquisadora Daniela Ramos (2010, p. 148), apud estudos de Ramón Salaverria, cita dois modelos: 1) Multimídia por Justaposição, em que os elementos se apresentam de forma linear na mesma página e, 2) Multimídia por Integração, em que o produtor procura expor um discurso narrativo através de uma unidade comunicativa. Esses aspectos também são relevantes no estudo e na compreensão das características do webdocumentário, pois através da rede notam-se experimentações que acompanham os dois modelos de multimidialidade.

Por fim, a relação com a memória, outro elemento caracterizado pelos produtos na rede, se dá pelo armazenamento da informação. A noção de hipertexto e hiperímídia, estruturados a partir de links que se interconectam, sejam eles de textos ou dos demais formatos de mídias (fotos, áudio e vídeos etc.), numa escrita não sequencial, utiliza o poder propiciado pela Web para acessar, arquivar e distribuir a informação. Essa base de dados se constitui num “repositório de informações sistematizado, e, dependendo do nível de sistematização, o usuário tem várias possibilidades de ‘navegar’ nestas informações”. (KIMIECK, 2005, p. 04).

Em estudo sobre o webdocumentário a pesquisadora Beatriz Ribas apresenta uma proposta de conceito para este formato:

O documentário produzido para a Web oferece ao usuário uma estrutura multidimensional de informações interconectadas. Texto, fotografia, áudio, imagem estática e em movimento, fazem parte de diversas micronarrativas conectadas por links, permitindo ao receptor fazer escolhas, optar por diferentes caminhos, dando liberdade para a compreensão sobre o tema. Através do hipertexto, o autor constrói as micronarrativas, fazendo associações entre dados e permitindo que o usuário trace o caminho que for mais conveniente a seus interesses. A estrutura associativa do autor apenas indica trajetos, e não determina uma ordem a ser seguida. O usuário tem liberdade para fazer suas próprias associações. (RIBAS, 2003, p. 5).

A inserção do webdocumentário é recente, mas já se propaga em experimentações em diversos países. Marcelo Bauer aponta que os exemplos mais representativos, que acom-

panha, estão na França e no Canadá, onde identifica o incentivo financeiro como base para o crescimento das produções nesses países⁵. Na França existe um órgão chamado Centro Nacional do Cinema (CNC), o equivalente Agência Nacional do Cinema (ANCINE), aqui no Brasil. No Canadá é a *National Film Board* (NFB). Os órgãos destinam verbas para a produção e distribuição de webdocumentários. (BAUER, 2012).

No Brasil a estatal *Agência Brasil*, mantida pelo governo brasileiro, é uma importante referência, produzindo conteúdo multimídia com inspiração no vídeo documental. A *Agência Brasil* possui um link, em sua página na Internet (www.agenciabrasil.etc.com.br), intitulado *Reportagens Especiais*, no qual exhibe os trabalhos; entre eles estão: *Nações Palmares*, de 2007 e *Exclusão pelas Letras*, de 2009, ambos ganhadores do prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos.

A produção de webdocumentário, ou assim denominado, está presente em produções profissionais e acadêmicas. Para o recorte desta pesquisa, tentando compreender as características do gênero, optou-se por focalizar a descrição de dois produtos, representantes do mercado brasileiro, vencedores de prêmios. As obras analisadas foram produzidas pela *Cross Content*, produtora de projetos editoriais para mídia, que além de produzir, aborda e divulga esse formato de produção através de uma página na Internet <http://webdocumentario.com.br>. É uma das pioneiras a produzir webdocumentário no Brasil e tornou-se especializada no gênero. Criada em 2001, pelos jornalistas Marcelo Bauer e Andréa Peres⁶, a empresa nasceu com a proposta de executar projetos que fazem o uso integrado de diversos canais de comunicação, através do conceito de transmídia⁷. (BAUER, 2011).

O primeiro webdocumentário realizado foi *Filhos do Tremor – Crianças e seus Direitos em um Haiti Devastado*, trabalho pelo qual Marcelo Bauer ganhou menção honrosa no

5 Webdocumentários citados como referências de produções - *Prison Valley* (França), lançado em 2010. Ganhador do prêmio Visa pour l'Image France24-RFI (Perpignan, França, 2010). *Highrise: out my window* (Canadá), lançado em 2011. Venceu o prêmio Internacional Digital Emmy Awards (Cannes, França, 2011).

6. Andréa Peres é jornalista e trabalhou na revista *Claudia*, Editora Abril. Também atuou como editora sênior na Editora Globo.

⁷ A partir das considerações expostas por Henry Jenkins entende-se por transmídia a criação de uma narrativa ampla que faz uso de diferentes canais de mídias para a distribuição do conteúdo, mas cada mídia apresenta o conteúdo de forma independente e ao mesmo tempo dá continuidade na história. “Uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo”. (2009, p. 138).



prêmio Vladimir Herzog de 2010. Em 2011 a produtora lançou *Rio de Janeiro - Autorretrato*, que mostra a história de fotógrafos moradores do Complexo da Maré. Para o desenvolvimento desse segundo projeto - definido por Bauer como proposta transmídia, foram feitas narrativas para três canais diferentes: um webdocumentário, vencedor do 33º Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, categoria Internet de 2011; um curta-metragem de 15 minutos, apresentando na mostra Curta MIS - Museu de Imagem e do Som de São Paulo; e, um média-metragem veiculado como um dos vencedores do 2º Concurso de Documentários da TV Câmara de 2012. Neste artigo aborda-se apenas a narrativa do webdocumentário. Atualmente a produtora segue realizando projetos destinados a atender veículos de comunicação, empresas, ONGs e fundações.

2. Webdocumentário e os processos de construção

Um webdocumentário possui uma estrutura complexa e seus produtores necessitam ter conhecimento sobre diversas áreas (RIBAS, 2003). Para elaboração, é necessário que a equipe conheça os processos de produção, que envolvem a pesquisa, gravação, roteiro e edição de um documentário; além do desenvolvimento da arquitetura da informação e projeto gráfico. Para Bauer (2011), é através da arquitetura que se define a criação da interface⁸, layout e formas de interatividade. Neste sentido, é necessário estruturar um planejamento para organizar as diversas informações no cenário virtual que serão disponibilizadas para o usuário.

Inicialmente é feita a pesquisa de conteúdo, sobre o tema proposto, e uma definição prévia da estrutura. Com isso, é possível decidir quais tipos de mídia serão utilizadas. O jornalista Giovanni Francischelli, que trabalhou em pesquisa e edição de vídeos para o projeto *Rio de Janeiro - Autorretrato*, explica que além de dar suporte ao produto, a pesquisa é uma etapa em que se pensa como vão ser colocadas às informações na interface e como elas irão aparecer para os internautas. No que diz respeito aos links de textos, por exemplo, eles aparecem, na maioria das vezes, em função de mostrar um dado importante, como uma estatística ou mesmo para aprofundar um conteúdo abordado por um personagem. “Depende muito.

⁸ "Interface é a parte gráfica do software que permite ao usuário interagir com o programa com maior facilidade" (FERRARI, 2009, p. 100).

Não existe uma fórmula. Cada dado ou pedaço de informação vai ter um tratamento diferente”. (FRANCISCHELLI, 2013) ⁹.

Na organização da arquitetura da informação, a interface introduz o visitante ao/no conteúdo. Neste sentido, é importante proporcionar a informação através de diferentes elementos da comunicação para que o internauta possa percorrer sem pressa as cores, imagens e formas. A distribuição do conteúdo pelas páginas do site indica o peso e relevância de cada item disposto, seja ele em vídeo, texto, áudio, ilustrações, gráficos etc. Deve-se ousar nas opções de conteúdo, nas formas de distribuição e nos processos interativos, mas para Marcelo Bauer (2012) a construção das páginas deve ser organizada de maneira clara, pois o espectador não pode se perder ou não saber utilizar a ferramenta.

Ao expor os aspectos produção de um webdocumentário, se faz necessário descrever as produções escolhidas para o estudo de caso. Ambos os produtos analisados, partem de uma estrutura de história multimídia, que tem o vídeo como principal elemento, complementado com mapas, fotografias e textos. A construção é fragmentada em capítulos, formada por hiperlinks, que permitem ao internauta interagir através dos processos de navegação pela história abordada.

Filhos do Tremor - Crianças e seus Direitos em um Haiti Devastado é um webdocumentário com versão disponível em português e inglês. O tema é centrado na situação de crianças que ficaram órfãs ou foram levadas ilegalmente do Haiti após o terremoto de 12 de janeiro de 2010. Aborda também as condições sanitárias e o acesso à saúde e à educação que foram prejudicadas pelo tremor. A narrativa multimídia apresenta a luta pela sobrevivência e a manutenção dos direitos estabelecidos pela *Convenção sobre os Direitos da Criança*, adotada pela *Assembleia Geral nas Nações Unidas* em 20 de Novembro de 1989.

O webdocumentário foi um projeto produzido a partir de materiais de arquivo, não houve captação de imagens por parte da *Cross Content*. Para a produção de conteúdo foram utilizados vídeos cedidos pelas seguintes instituições: Escritório das Nações Unidas de Coordenação de Assuntos Humanitários, Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti (Minustah), Organização Mundial

⁹ Entrevista concedida à pesquisa em 28/02/2013.



da Saúde (OMS), Plan USA, Programa Alimentar Mundial e United Nations Television (UNTV). As fotos utilizadas são de Michele Walz Eriksson da *Creative Commons*, Exército Brasileiro e UNICEF.

Além da direção de Marcelo Bauer, trabalharam neste projeto: Marcelo Cosme na direção de arte e produção, Wenderson Pires e Marcelo Cosme na realização do ActionScript¹⁰, Cristiano Rosa no desenvolvimentos dos mapas e Glaucio Leme na edição de vídeo. A tradução foi realizada por Barney Witeoak; as legendas e sincronia por Renata H. Pereira. Entre produção, edição dos vídeos e o desenvolvimento da arquitetura da informação, a equipe levou três meses para realização do produto.

Em *Rio de Janeiro - Autorretrato*, a produção capturou todas as imagens audiovisuais, mas usou as fotos dos personagens formados pela Escola de Fotógrafos Populares no Rio de Janeiro para compor o produto. A obra mostra a história de um grupo de fotógrafos do Complexo Da Maré, bairro que apresenta o maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro, que através das fotos mudaram a visão que tinham da cidade e da favela onde vivem.

Para a construção do webdocumentário, Bauer acompanhou a rotina de AF Rodrigues, Jaqueline Félix e Ratão Diniz, fotógrafos perfilados. Para definição da estrutura do produto, Giovanni Francischelli conta que transcreveu todas as entrevistas para que fossem selecionados os temas a se trabalhar e depois editou os vídeos. Francischelli (2013) acredita que cada capítulo do vídeo deva ser editado com uma unidade coesa com começo, meio e fim. Isso faz parte da constituição de toda narrativa, salientando que quando um produtor de conteúdo opta por uma estrutura fragmentada deve pensar que a pessoa que acompanhar a história vai conseguir entender mesmo vendo um trecho hoje, outro amanhã, ou mesmo só o trecho que interessa.

A equipe de realização do webdocumentário contou com a direção de Marcelo Bauer; direção de fotografia de Sérgio Moraes; edição de vídeos de Giovanni Francischelli e Lucian Rosa; trilha original de Thiago Rocha e Luisão Cavalcante; som direto de Claudio Reis e Paulo Rogério Galdino Paes; design e desenvolvimento Web, Thiago C.; textos, Livia

¹⁰ Linguagem de programação para site em Adobe Flash.

Roncolato. Entre concepção, pesquisa e produção, Bauer diz que o projeto teve duração superior a um ano e meio.

3. Descrição dos elementos narrativos de Filhos do Tremor e Rio Autorretrato

3.1. Filhos do Tremor

Os elementos narrativos que compõe as obras analisadas são frutos da arquitetura da informação e do projeto gráfico, organizados para orientar a estrutura do site. Em *Filhos do Tremor*, ao abrir o endereço <http://www.webdocumentario.com.br/haiti/index.html> é apresentada uma introdução informativa por meio de fotos e legendas sobre o terremoto que aconteceu no Haiti. Caso não tenha interesse, o internauta pode pular a introdução e ir direto para a interface principal. Após a introdução a tela abre indicando o acesso ao tema, que é dividido em cinco capítulos, a saber: 1) O direito à vida; 2) O direito à família; 3) O direito à assistência e proteção; 4) O direito à saúde; 5) O direito à educação. Uma imagem de fundo retrata a destruição no local (ver figura 1). O termo “capítulo” foi adotado pelo próprio Marcelo Bauer para definir os links que direcionam para as cinco micronarrativas apresentadas na interface.

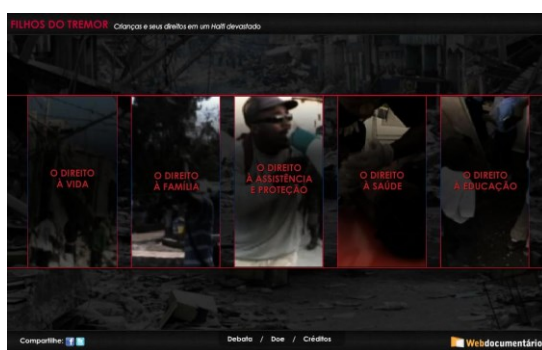


Figura 1 – Interface de Filhos do Tremor

A página inicial foi organizada de forma dinâmica para proporcionar diferentes opções de navegação ao espectador/internauta. A ordem de apresentação é apenas sugerida pela disposição dos capítulos, mas cada narrativa pode ser acessada de forma independente. Assim, o internauta pode acessar os capítulos na ordem que quiser, por meio de escolhas ao

interagir com a interface. No rodapé de cada uma das páginas existem links para compartilhar o produto nas redes sociais. Neste caso, ao clicar, um *pop up*¹¹ é aberto com endereço do site e espaço para comentário a ser enviado à página oficial do webdocumentário. Há ainda outras opções de links no rodapé das páginas. Eles dão acesso aos créditos, que apresenta a relação dos nomes envolvidos na produção, além de espaço destinado à doação, com links de instituições que recebem reforços para ajuda ao Haiti. Por fim, há também a disponibilização de um link para o internauta acessar a página sobre webdocumentário que produtora mantém na Internet.

Ao acessar o capítulo escolhido, o internauta tem entrada a uma narrativa multimídia. Cada capítulo é dividido em duas colunas. (Ver figura 2). O lado esquerdo da tela mostra o vídeo, e no lado direito aparecem informações complementares a obra, que podem ser em textos, mapas e fotos. Em todos os capítulos, o vídeo é composto por imagens em movimento e entrevistas, não apresenta narração de um locutor e a interpretação das informações, sobre as quais correm as imagens, é complementada pelos textos. Ao término de cada vídeo há opções de escolhas dos capítulos que o internauta deseja acessar, através de um menu. (Ver figura 3).

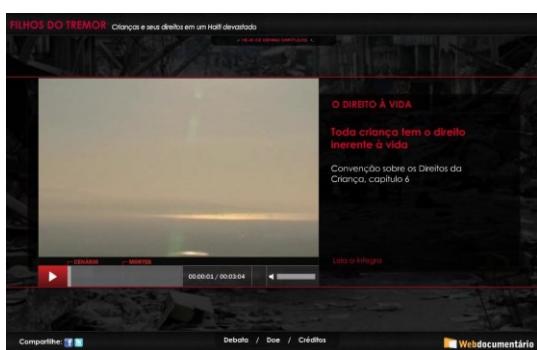


Figura 2 – Estrutura básica dos capítulos

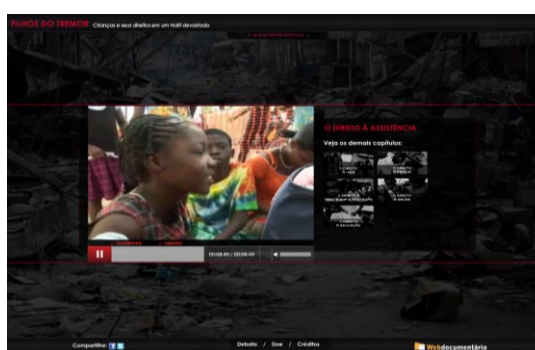


Figura 3 – Menu de escolhas

Dentro de capítulo, Bauer também exibe outros níveis de interatividade ao apresentar opções de links anexados, incorporados na narrativa, e que servem de complemento. A se-

¹¹ Pop-up - é uma página ativada ao abrir um site. Geralmente em tamanho reduzido. (FERRARI, 2009, p. 102).

guir serão descritos os formatos de multimídia utilizados e a relação de hipertextualidade que foram observados em cada capítulo.

a) Capítulo: O Direito à Vida

Este capítulo apresenta um vídeo com duração de 3 minutos e 4 segundos, dividido pela barra de navegação, em dois temas: 1) cenário; 2) mortes. Aproximadamente 200 mil pessoas morreram no terremoto, milhares ficaram feridos e desabrigados. Conforme o vídeo corre pelo lado esquerdo da tela, no lado direito se alternam textos informativos e mapas de localização das regiões abordadas, esses elementos reforçam a característica multimídia (Ver figura 4). A hipertextualidade se apresenta neste capítulo pela possibilidade de acessar o texto, em link anexado, que trata da *Convenção sobre os Direitos da Criança*. No momento em que aparece o trecho “Toda criança tem o direito inerente à vida”, o internauta tem a possibilidade de abrir o texto para ler a íntegra do documento (Ver figura 5).

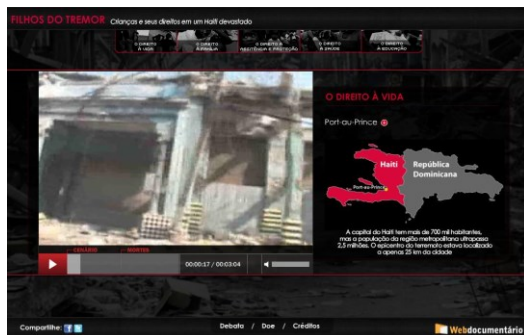


Figura 4 – Narrativa Multimídia

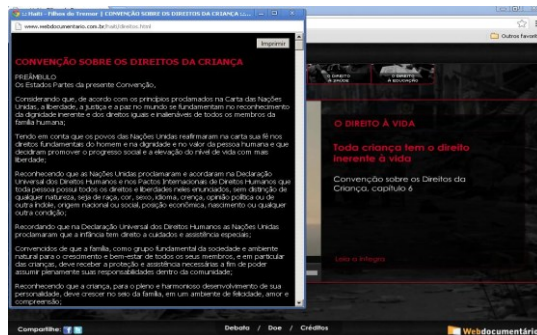


Figura 5 – Hipertexto Leia íntegra

Ao acessar o hipertexto o internauta se desloca até outra janela e o vídeo pausa. Após fechar a janela o vídeo inicia novamente. O recurso leva a interatividade, uma vez que permite que receptor tenha a possibilidade da escolha de clicar ou não no hipertexto. Outra possibilidade de interação está na barra que divide os vídeos em subtemas. Essa divisão também permite que o usuário possa avançar a narrativa até o ponto que deseja. A história pode ser acompanhada em sequência ou pode-se assistir aos blocos específicos de maneira independente. Esses aspectos de interação são vistos em todos os capítulos.

b) Capítulo: Direito à Família

O capítulo aqui é dividido em três subtemas: 1) órfãos; 2) separados das famílias; e, 3) adotados ou sequestrados. A duração total é de 5 minutos e 26 segundos e apresenta a difícil situação das crianças separadas das famílias, que ficaram órfãs ou foram levadas ilegalmente para outros países. A hipertextualidade se dá apenas quando aparece o link que direciona o internauta à página do documento sobre a *Convenção dos Direitos da Criança*, orientando para leitura do capítulo 11. Representando a multimídia, o capítulo apresenta a narrativa formada por vídeo, textos explicativos, mapas e neste capítulo aparece também o uso da fotografia. A imagem é do Palácio Nacional do Haiti e data do ano 2006, antes do terremoto. (Ver figura 6).



Figura 6 – Foto Palácio Nacional do Haiti

c) Capítulo: O Direito à Assistência e proteção

O capítulo *O Direito à Assistência e proteção* apresenta o mais longo dos vídeos. Tem duração de 8 minutos e 48 segundos. A narrativa é dividida em: 1) alimentos; e, 2) abrigos. Neste capítulo, vemos imagens do tumulto das pessoas em filas de espera pelos caminhões que distribuem alimentos. Um dos textos complementares informa que a ajuda humanitária da ONU prevê atender 2 milhões de pessoas, com duração de seis meses. O segundo tema aborda o problema da falta de abrigo pós-terremoto, especialmente para as crianças órfãs. Nota-se que as informações mais complexas, apresentadas no lado direito da tela, são introduzidas enquanto não há entrevistas. Além da opção de leitura do hipertexto

sobre a *Convenção dos Direitos da Criança*, neste capítulo há um link anexado de uma imagem do acampamento de refugiados. A imagem que aparece é do *Google Maps* (figura 7).

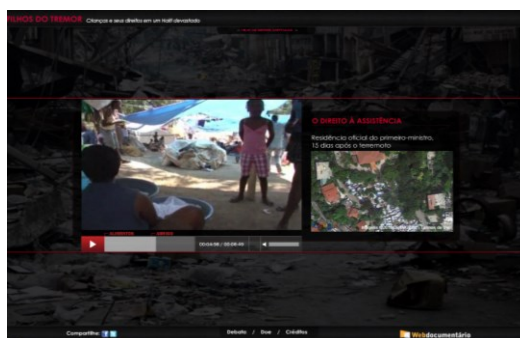


Figura 7 – Hiperlink Google Maps

d) Capítulo: Direito à Saúde

Este capítulo tem um vídeo de 8 minutos e 40 segundos de duração, dividido em 5 temas: 1) hospitais; 2) amputados; 3) maternidade; 4) vacinação; e, 5) condições sanitárias. As imagens são chocantes ao apresentar crianças mutiladas pelo terremoto ou pelas consequências dele. Os blocos temáticos ainda apresentam a superlotação nos hospitais, os filhos que nasceram depois do terremoto, a busca pela vacinação e a falta de condições sanitárias. Também, neste capítulo, há textos informativos enquanto o vídeo é apresentado, além de mapas de localização e novamente o hipertexto para a íntegra do documento sobre a *Convenção dos Direitos da Criança*.

Além desses recursos, outro elemento multimídia é o uso de uma fotografia, que apresenta o contraponto da imagem antiga com a atual. A foto é do Estádio Sylvio Cator e ilustra o local onde os sobreviventes estavam se abrigando. (Ver figura 8).

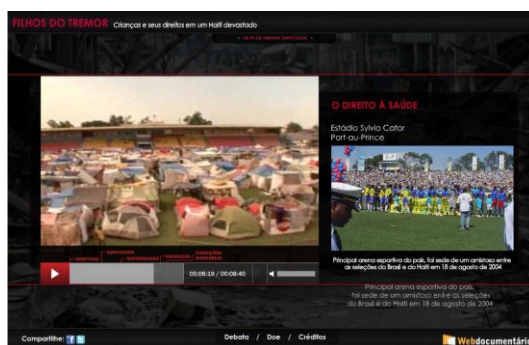


Figura 8 – Imagem do Estádio Sylvio Cator

As intervenções optadas pelo produtor de conteúdo são cuidadosas. Os recursos de textos e fotos, incluídos ao lado direito da tela, são mostrados enquanto não há imagens fortes (ferimentos e lesões) ou que necessitam de mais atenção do espectador.

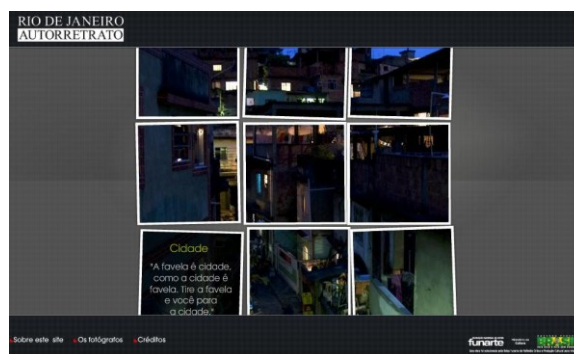
e) Capítulo: O Direito à Educação

Este capítulo tem o menor tempo de duração dos vídeos. Em quatro minutos de narrativa, apresenta dois temas: 1) destruição; e, 2) retomada. Nele vemos o retrato da destruição das escolas e orfanatos, e a reflexão dos prejuízos para a educação. Além do vídeo, há apenas 3 textos explicativos. A hipertextualidade é possível apenas com o link que dá acesso à íntegra do texto da *Convenção sobre os Direitos da Criança*.

15

3.2. Rio de Janeiro – Autorretrato

Em *Rio de Janeiro – Autorretrato*, ao entrar no site destinado ao produto, www.riodejaneiroautorretrato.com.br/riodejaneiroautorretrato/dev2011/, há uma breve introdução, no formato de um *teaser*, sobre o tema, gravado com fotografos do Complexo da Maré. Nele se alternam rápidos depoimentos intercalados pelas fotos dos fotógrafos. Assim como no produto anterior, o internauta pode pular a introdução. Esta primeira página carrega a interface principal do webdocumentário, que é apresentada em quatro capítulos, cada um conta com uma foto como capa e um título; a saber: 1) Cidade; 2) Cotidiano; 3) Pessoas; e, 4) Sonhos. (Ver figura 9). Cada capítulo, ao pousar o mouse sobre ele, tem um slide show com fotos dos fotógrafos. (Ver figura 10)

*Figura 9 – Interface**Figura 10 – Capa do capítulo “Cidade”*

Após clicar em cada um dos quatro capítulos a tela se abre com o vídeo, nela estão dispostas diversas possibilidades de acesso a links fixos que conduzem o receptor às informações complementares à obra. Há opções de retorno ao *Menu Inicial*, links que direcionam a cada capítulo do webdocumentário, possibilidades de participação através do envio de comentários pelo Twitter e Facebook, versão em texto dos depoimentos presentes no vídeo, e ainda a condição de ler todos os comentários feitos sobre aquele capítulo e a possibilidade de acessar o mapa da região.

A exemplificação de todos os recursos interativos que acompanham cada uma das páginas está demonstrando na figura abaixo, que: “expõe um modelo de página de canal e subcanal com todos os menus abertos, para efeito de compreensão da navegação. Não haverá, na prática, uma situação em que todos os menus estejam abertos. Apenas um deles se abrirá a cada vez”. (BAUER, 2013)¹². (Ver figura 11)

¹² Material cedido por Marcelo Bauer via e-mail em abril de 2013.



Figura 11 – Disposição dos links

Os vídeos deste webdocumentário não são divididos por tópicos na barra de navegação, como no anterior analisado nesta pesquisa, eles são visualizados em sequência, mas são introduzidos elementos de hipertextualidade integrados à narrativa. As características de conteúdo de multimídia e hipertextualidade de cada capítulo serão descritas abaixo.

a) Capítulo: Cidade

A temática deste capítulo percorre a história que liga os personagens/fotógrafos com o Complexo da Maré, formado por 16 comunidades, na zona norte do Rio de Janeiro. A narrativa tem duração de 7 minutos e 40 segundos, e no decorrer dela há possibilidades de pausar o vídeo para entrar em hiperlinks. Assim, a hipertextualidade se dá através de um ícone que aparece indicando para abrir um hipertexto, que diz respeito a “História da Maré”. (Ver figura 12).

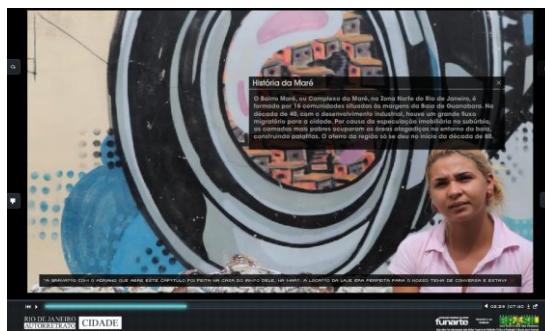


Figura 12 – Hipertexto História da Maré

A multimídia está presente através da utilização das fotografias integradas ao vídeo e textos em links anexados. A interatividade introduz textos de comentários dos internautas e a ainda o acesso a um hiperlink de texto, demonstrado na figura acima. Durante o vídeo podem ser vistos comentários de pessoas que enquanto assistiam o produto faziam suas observações e críticas. Cada comentário também serve como complemento ao assunto abordado no decorrer do vídeo, pois é possível identificar que há relação do comentário com o instante assistido. Um exemplo é o texto da internauta que diz, em 27/07/2011: “Muito boa essa comparação da laje com o quintal”. Neste capítulo encontramos 2 comentários, sendo um deles do próprio Marcelo Bauer, explicando a escolha em gravar as imagens em uma laje, por se tratar de um espaço transformado na favela, que antes era constituída de casas de madeira.

b) Capítulo: Vida Cotidiana

O vídeo tem a duração de 7 minutos e 25 segundos, apresenta histórias da infância dos fotógrafos e como foi o processo de transformação dos espaços públicos na favela. Para compor a hipertextualidade o produtor acrescentou dois links anexados a narrativa. O primeiro é um gráfico (Ver figura 13) que informa a quantidade de crianças e jovens fora da escola na comunidade. O segundo explica o que é uma Unidade de Polícia Pacificadora.



Figura 13 – Hiperlink - Gráfico

A multimídia se estabelece através do gráfico na narrativa, fotos e textos. Há da mesma maneira que em “Cidade”, os mesmos elementos de interatividade.

c) Capítulo: Pessoas

Este capítulo apresenta um vídeo com duração de 5 minutos e 37 segundos. Assim que o vídeo inicia é mostrado a Colônia de Pescadores do Parque da União, onde trabalham moradores da região. Durante a narrativa, no canto direito da tela, um dos ícones pisca, e ao clicar o internauta tem acesso ao mapa da região e a opção de ampliação do mesmo para melhor visualização (ver figura 14). Ao clicar no ícone a narrativa pausa e retorna após fechar a janela do mapa. Ao todo são 3 links anexados na história: dois são destinados à abertura da janela do mapa, e o terceiro é um hipertexto sobre a vida do fotógrafo Sebastião Salgado. Além disso, se houver curiosidade para conhecer a Aldeia de Pescadores, o internauta pode acessar o comentário em texto de Marcelo Bauer que explica um pouco do que é o local. (Ver figura 15).



Figura 14– Mapa de localização



Figura 15 – Hiperlink - comentário

d) Capítulo: Sonhos

O vídeo deste capítulo tem duração de 7 minutos e 13 segundos. Nele os fotógrafos falam sobre o sonho de viver fotografando seu bairro e fazem relações sobre a condição de ser brasileiro, carioca e favelado. A favela é defendida como um lugar para viver e sonhar. Existe um link anexado, apresentando um gráfico com informações do IBGE, que mostra a evolução de 1950 ao ano 2000, da quantidade de pessoas que moram em favelas no Rio de Janeiro. (Ver figura 16). A legenda indica que atualmente mais de 1 milhão de pessoas vivem em favelas na cidade.

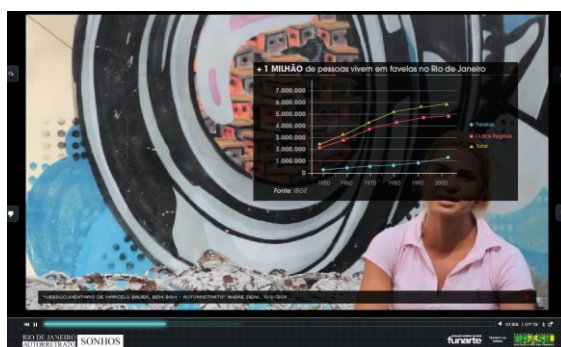


Figura 16 – Hiperlink de Gráfico

A indicação do gráfico reforça o aspecto de hipertextualidade e multimídia. Assim, como nos demais capítulos repetem-se as opções interativas dispostas nos cantos da tela, bem como o acesso a participação e a leitura de comentários de internautas.

Por fim, retomando a interface principal, nota-se, no rodapé da página (Voltar e ver figura 8), a colocação três hiperlinks, assim denominados: 1) **Sobre este projeto**, este desloca o internauta para informações sobre a sinopse do produto e o conceito de webdocumentário (Ver figura 17); 2) **Os fotógrafos**, que expõe fotografias e desloca o internauta para a opção de um texto sobre cada um dos três fotógrafos. (Ver figura 18). Ainda nesta página, há também dois vídeos: um mostra o coordenador da Escola de Fotógrafos Populares Dante Gastaldoni, que conta a história do Observatório de Favelas, fundado em 2001, lugar que tem projetos sociais diversos, inclusive a Escola de Fotógrafos Populares, criada em 2004. O outro vídeo é uma visita guiada à Escola de Fotógrafos, apresentada por Jaqueline Félix; e, 3) **Créditos**, que apresenta os nomes dos realizadores do webdocumentário (Ver figura 19). Em todas as páginas consta a informação em rodapé que o Projeto foi selecionado pela Bolsa Funarte de Reflexão Crítica e Produção Cultural para Internet.



Figura 17 – Sobre este site Figura 18 – Os fotógrafos Figura 19 - Créditos

Conclusão

A partir da pesquisa bibliográfica e da descrição dos trabalhos *Filhos do tremor e Rio de Janeiro - Autorretrato* percebe-se que um webdocumentário apresenta uma estrutura complexa, que se utiliza da lógica de produção e dos elementos de linguagem documental, criados para o cinema e a televisão, e adapta para o ciberespaço. Em relação às características adaptadas, pode-se dizer que ambos os produtos têm em sua interface micronarrativas fragmentadas, formadas por capítulos temáticos, que deslocam o usuário para a tela de cada vídeo. Em cada um dos capítulos há uma composição de conteúdo multimídia e hipertextual, assim como as possibilidades de interação e personalização que permitem os usuários fazer escolhas durante a navegação.

Os produtos analisados partem de uma narrativa multimídia, que apresenta o vídeo como elemento estruturante, complementado por fotos, ilustrações, mapas, gráficos e textos. No entanto, em *Filhos do Tremor* nota-se que a narrativa multimídia, de cada bloco, se dá prioritariamente por justaposição, em que os elementos estão estruturados um ao lado do outro, enquanto que em *Rio de Janeiro - Autorretrato* há uma unidade narrativa, em que os links de textos e gráficos são anexados ao vídeo, compondo uma narrativa multimídia por integração.

Em termos comparativos, em *Filhos do Tremor* há uma diversidade menor de hiperlinks. A hipertextualidade explora basicamente o documento sobre a *Convenção dos Direitos da Criança*, além de se ancorar em mapas de localização e pequenos textos explicativos. Em *Rio de Janeiro - Autorretrato* os hipertextos e hipermídias são mais elaborados. Marcelo Bauer faz uso de texto para explicar termos usados pelos fotógrafos, incorpora gráficos para ilustrar as histórias e informar dados estatísticos. Neste segundo produto, há também uma diversidade maior de links de navegação e de multimídia, entre eles pode-se citar a opção de ler na íntegra os depoimentos dos entrevistados que aparecem nos vídeos.

Procurando aumentar o nível de interatividade, no segundo produto, há uma preocupação em tornar o internauta mais participativo. Os comentários postados nas opções oferecidas, através das redes sociais, passam a integrar a narrativa. No entanto, em *Rio de Janeiro - Autorretrato*, o recurso interativo de avançar o vídeo não está disponível. De maneira



ampla, notou-se que há uma evolução na narrativa do segundo produto em relação ao primeiro, em termos de multimídia, hipertextualidade e interatividade.

Referências

BAUER, Marcelo. **Filhos do Tremor - Crianças e seus direitos em um Haiti devastado**. Disponível em: <http://webdocumentario.com.br/haiti/>. Último acesso em: 28 de março 2013.

_____. **Os webdocumentários e as novas possibilidades da narrativa documental**, in BANDEIRA, Cátia, CAPUCHO, Rita e OSÓRIO, Antônio, coordenadores, *Avanca | Cinema 2011*, Avanca, Portugal, 2011, Edições Cine-Clube de Avanca. ISBN 978-989-96858-1-9.

_____. **Rio de Janeiro – Autorretrato**. Disponível em: <http://www.riodejaneiroautorretrato.com.br>. Último acesso em: 01 de abril 2013.

CROSS CONTENT. Disponível em: <http://www.crosscontent.com.br/cross-content/>. Acesso em: 19 de junho 2011.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Contexto, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KIMIECKI, Jorge L. **Artefatos de conexão em comunidades de prática: multimediatóy**. Revista Cadernos da Escola de Comunicação da UniBrasil, número 03, 2005.

RAMOS, Daniela. **Aspectos da convergência de mídias e da produção de conteúdo multimídia no Clarín.com**. Líbero – São Paulo – v. 13, n. 25, p. 143-152, jun. de 2010.

RIBAS, Beatriz. **Contribuições para uma definição do conceito de Web Documentário**. 2003. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003_ribas_webdocumentario.pdf. Acesso em: 19 junho de 2011.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 4ª. Ed. 2010.

WEBDOCUMENTÁRIO. Disponível em: <http://webdocumentario.com.br/>. Acesso em: 19 jun. 2011.